

6. O Chamado dos Primeiros Discípulos: A Jornada do Encontro com o Messias (João 1:35)

Autor: Diego Vieira Dias | Grupo: Teologia e Pregações | Data: 09/11/2025 18:09

1. "Eis o Cordeiro de Deus": O Testemunho que Gera Seguidores (João 1:35-37)

A narrativa do Evangelho de João avança com uma cena de transição fundamental, que marca o início da jornada dos primeiros discípulos ao lado de Jesus. No dia seguinte ao seu batismo e ao primeiro testemunho de João Batista, a cena se repete, mas com um desfecho transformador para dois de seus seguidores. O texto bíblico descreve o momento com simplicidade e profundidade:

35 *No dia seguinte, João estava outra vez na companhia de dois dos seus discípulos* **36** *e, vendo Jesus passar, disse: — Eis o Cordeiro de Deus!* (João 1:35-36)

A declaração de João Batista não é casual. Ao proclamar "Eis o Cordeiro de Deus!", ele utiliza um título carregado de profundo significado teológico, conectando a figura de Jesus diretamente ao sistema sacrificial do Antigo Testamento. A imagem do cordeiro remete ao sacrifício da Páscoa, que livrou os israelitas da escravidão no Egito, e aos sacrifícios diários no Templo, que visavam a expiação dos pecados. Com essa simples frase, João identifica Jesus não apenas como um mestre ou profeta, mas como o sacrifício definitivo e perfeito, Aquele que tira o pecado do mundo, como já havia anunciado anteriormente (João 1:29).

A força desse testemunho é evidenciada pela reação imediata de seus discípulos:

37 *Os dois discípulos, ouvindo-o dizer isso, seguiram Jesus.* (João 1:37)

A reação dos dois discípulos é imediata e decisiva. Eles não hesitam. A palavra de seu mestre, em quem confiavam, é suficiente para que mudem o rumo de suas vidas e começem a seguir Aquele a quem João apontou. Este momento representa uma transferência de discipulado: a missão de João Batista, de preparar o caminho, se cumpre ao direcionar seus próprios seguidores para o verdadeiro Messias. O texto nos revelará adiante que um desses homens era André, irmão de Simão Pedro. A tradição e muitos estudiosos sugerem que o segundo discípulo, que permanece anônimo, é o próprio autor do evangelho, o apóstolo João, que, por humildade, omite seu próprio nome na narrativa.

Este ato de seguir, impulsionado pela fé no testemunho, dá início ao primeiro diálogo direto entre Jesus e aqueles que se tornariam seus apóstolos, um encontro que começaria com uma pergunta transformadora.

2. "O que vocês estão procurando?": O Diálogo Inicial de Jesus (João 1:38-39)

O ato de seguir a Jesus, motivado pelo testemunho de João, não passa despercebido. Ao perceber que os dois o seguiam, Jesus se volta e inicia o diálogo com uma pergunta que transcende a mera curiosidade, sondando a essência da busca humana:

38 *E Jesus, voltando-se e vendo que o seguiam, disse-lhes: — O que vocês estão procurando?* Eles

disseram: — Rabi (que quer dizer "Mestre"), onde o senhor mora? (João 1:38)

A pergunta de Jesus — "O que vocês estão procurando?" — é mais do que uma saudação; é um convite à introspecção. Ele não questiona "Quem vocês procuram?", mas "O que...", investigando as motivações e os anseios mais profundos do coração daqueles homens. Essa mesma pergunta ecoa através dos séculos, confrontando cada pessoa que se aproxima de Cristo: qual é a verdadeira natureza da sua busca? É por cura, por prosperidade, por conhecimento ou por algo mais essencial?

A resposta dos discípulos é igualmente reveladora. Em vez de declararem um objetivo abstrato como "a verdade" ou "a salvação", eles focam na pessoa de Jesus de uma maneira muito prática e relacional: "Rabi, onde o senhor mora?". O desejo deles não é apenas por uma resposta teológica ou um milagre pontual, mas por proximidade, por compartilhar a vida e o espaço com o Mestre. Eles buscam intimidade, um lugar de permanência e aprendizado contínuo.

Jesus, por sua vez, não lhes dá um endereço ou uma resposta teórica, mas um convite à experiência direta, definindo a própria natureza do discipulado:

39 Jesus respondeu: — Venham ver! Então eles foram, viram onde Jesus estava morando e ficaram com ele aquele dia. Eram mais ou menos quatro horas da tarde. (João 1:39)

A resposta "Venham ver!" é um chamado para um relacionamento pessoal. A fé em Cristo não se baseia em teorias distantes, mas em uma experiência vivida e compartilhada. O texto informa que "eram mais ou menos quatro horas da tarde", o que, no cálculo de tempo judaico, seria a décima hora, já no final do dia. Isso sugere que eles não apenas visitaram, mas permaneceram com Jesus, passando o restante daquele dia em sua companhia. Esse primeiro encontro prolongado foi o suficiente para transformar a curiosidade inicial em uma certeza tão poderosa que precisava ser compartilhada, como veremos a seguir na atitude de André.

3. André e a Proclamação do Messias a Simão Pedro (João 1:40-42)

A experiência de passar um dia com Jesus foi tão impactante que a primeira atitude de André foi compartilhar sua descoberta. O evangelista faz questão de identificá-lo e narrar seu papel crucial em trazer uma das figuras mais proeminentes do Novo Testamento para o círculo de Cristo.

40 André, o irmão de Simão Pedro, era um dos dois que tinham ouvido o testemunho de João e seguido Jesus. **41** Ele encontrou primeiro o seu próprio irmão, Simão, a quem disse: — Achamos o Messias! ("Messias" quer dizer "Cristo"). (João 1:40-41)

André encarna o espírito do evangelismo em sua forma mais pura e imediata. Ele não guarda para si a revelação, mas corre para encontrar seu irmão, Simão. Sua mensagem é direta e poderosa: "Achamos o Messias!". Essa exclamação resume séculos de expectativa e esperança do povo judeu. A palavra "Messias" (do hebraico *Mashiach*) significa "Ungido", o mesmo que "Cristo" (do grego *Christos*). Era o título aguardado para o libertador prometido, o rei descendente de Davi que restauraria Israel. A convicção de André é tão forte que ele não precisa de longos argumentos; a certeza de ter encontrado o Ungido é a própria mensagem.

Mais do que apenas relatar o que descobriu, André leva seu irmão para ter a mesma experiência pessoal com Jesus. Este ato de conduzir alguém ao encontro de Cristo é um modelo fundamental de

discipulado. O encontro que se segue é marcante:

42 E o levou a Jesus. Jesus olhou para ele e disse: — Você é Simão, filho de João, mas agora será chamado Cefas. ("Cefas" quer dizer "Pedro".) (João 1:42)

Neste breve momento, Jesus demonstra sua autoridade e onisciência de duas maneiras. Primeiro, ele identifica Simão e seu pai, revelando um conhecimento que transcende o natural. Em seguida, ele lhe dá um novo nome, "Cefas" — um termo em aramaico que significa "pedra" ou "rocha", equivalente ao grego "Pedro". Essa mudança de nome é um ato profético, indicando não apenas uma nova identidade, mas também o propósito e o papel fundamental que Pedro desempenharia na fundação da Igreja. Jesus não vê apenas o pescador impulsivo que Simão era, mas a rocha firme que ele se tornaria por meio da fé.

Assim, o testemunho de João Batista gera um seguidor, André, que por sua vez se torna uma testemunha, trazendo Pedro a um encontro que mudaria sua vida para sempre.

4. O Chamado Direto a Filipe e o Ceticismo de Natanael (João 1:43-46)

A formação do grupo inicial de discípulos continua no dia seguinte, quando Jesus toma a iniciativa de expandir seu círculo. Desta vez, o chamado é direto e imperativo, mostrando outra faceta de sua autoridade soberana.

43 No dia seguinte, Jesus resolveu ir para a Galileia e encontrou Filipe, a quem disse: — Siga-me.
44 Esse Filipe era de Betsaida, cidade de André e de Pedro. (João 1:43-44)

A ordem "Siga-me" é concisa, porém poderosa, exigindo uma resposta de fé e obediência imediata. O texto ressalta que Filipe era da mesma cidade de André e Pedro, Betsaida, o que sugere uma rede de relacionamentos preexistente que facilitou esses primeiros encontros. A exemplo de André, a primeira reação de Filipe após encontrar Jesus é compartilhar a notícia com um amigo, Natanael.

Filipe, entusiasmado, busca fundamentar sua descoberta nas Escrituras, demonstrando que a expectativa messiânica estava viva e era um tema central nas conversas da época.

45 Filipe encontrou Natanael e lhe disse: — Achamos aquele de quem Moisés escreveu na Lei, e a quem se referiram os profetas: Jesus, o Nazareno, filho de José. (João 1:45)

A referência de Filipe a Moisés alude diretamente à promessa registrada em **Deuteronômio 18:15-18**:

15 — O Senhor, seu Deus, fará com que do meio de vocês, do meio dos seus irmãos, se levante um profeta semelhante a mim; a ele vocês devem ouvir. [...] **18** Farei com que se levante do meio de seus irmãos um profeta semelhante a você, em cuja boca porei as minhas palavras, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar.

Filipe identifica Jesus como o cumprimento dessa longa espera. No entanto, sua descrição de Jesus como "o Nazareno" provoca uma reação de ceticismo em Natanael, baseada em um preconceito regional comum na época.

46 *Então Natanael perguntou: — De Nazaré pode sair alguma coisa boa? Filipe respondeu: — Venha ver! (João 1:46)*

A resposta de Natanael reflete o desprestígio de Nazaré, uma aldeia pequena e sem relevância profética ou política. Era um lugar tão insignificante que parecia inconcebível que o Messias pudesse vir de lá. Filipe, no entanto, não entra em um debate teológico ou geográfico. Em vez disso, ele repete o mesmo convite que Jesus havia feito a André e João: "**Venha ver!**".

Essa resposta se consolida como o método primordial do evangelismo: não se trata de vencer um argumento, mas de conduzir a pessoa a um encontro pessoal com Cristo. A experiência direta é mais poderosa do que qualquer debate intelectual. Filipe confia que um encontro com Jesus seria suficiente para dissipar todo o preconceito e ceticismo de seu amigo, um convite que Natanael, apesar de sua dúvida, decide aceitar.

5. "Um verdadeiro israelita": A Onisciência de Jesus Revelada (João 1:47-49)

Quando Natanael, ainda movido por seu ceticismo, mas disposto a seguir o conselho de Filipe, se aproxima de Jesus, ele é recebido não com uma repreensão, mas com um elogio surpreendente que revela a percepção divina de Cristo.

47 *Jesus viu Natanael se aproximar e disse a respeito dele: — Eis um verdadeiro israelita, em quem não existe fingimento algum! (João 1:47)*

A declaração de Jesus vai muito além da linhagem étnica de Natanael. Ser um "verdadeiro israelita" no contexto da época significava ser alguém que buscava a Deus com sinceridade e integridade, em contraste com a hipocrisia religiosa que Jesus frequentemente criticava. A expressão "sem fingimento" (ou "sem dolo") reforça essa ideia, descrevendo um coração transparente e honesto em sua busca espiritual.

A surpresa de Natanael é imediata, pois ele entende que Jesus o descreveu com uma precisão impossível para um estranho. Sua reação é de puro espanto:

48 *Natanael perguntou a Jesus: — De onde o senhor me conhece? Jesus respondeu: — Antes de Filipe chamá-lo, eu já tinha visto você debaixo da figueira. (João 1:48)*

A resposta de Jesus é o ponto de virada. A menção de estar "debaixo da figueira" tem um significado profundo. Na tradição judaica, a figueira era um lugar comum para a meditação, o estudo das Escrituras e a oração. Era um espaço de devoção privada e íntima. Ao revelar isso, Jesus não estava apenas demonstrando ter visto Natanael fisicamente, mas que conhecia seu coração e o viu em seu momento mais pessoal de busca espiritual, *antes mesmo de qualquer contato humano*.

Essa demonstração de conhecimento sobrenatural e onisciência desfaz completamente o ceticismo

de Natanael. A dúvida inicial, baseada em um preconceito superficial sobre Nazaré, dá lugar a uma das mais completas e imediatas confissões de fé registradas no Evangelho:

49 *Então Natanael exclamou: — Mestre, o senhor é o Filho de Deus! O senhor é o Rei de Israel!* (João 1:49)

Em um instante, Natanael passa do cético ao crente fervoroso. Ele reconhece Jesus com três títulos messiânicos fundamentais: "Mestre" (*Rabi*), o mestre a quem ele agora se submete; "Filho de Deus", um título que aponta para Sua divindade; e "Rei de Israel", o título que cumpria a esperança de um soberano davídico. A revelação pessoal de ter sido verdadeiramente "visto" por Jesus foi a prova irrefutável que o levou a reconhecer Sua verdadeira identidade.

6. "Verão o céu aberto": A Promessa de Coisas Maiores (João 1:50-51)

A fervorosa confissão de Natanael é recebida por Jesus não como um clímax, mas como um ponto de partida para uma revelação ainda mais profunda. Jesus reconhece que a fé de Natanael foi despertada por um sinal de Sua onisciência, mas imediatamente o convida a olhar para além, prometendo manifestações ainda mais grandiosas de Sua identidade e missão.

50 *Ao que Jesus lhe respondeu: — Você crê porque eu disse que tinha visto você debaixo da figueira? Pois você verá coisas maiores do que estas.* (João 1:50)

A promessa de "coisas maiores" não se refere apenas a milagres mais espetaculares, mas a uma compreensão mais profunda de quem Ele é. Jesus então conclui este primeiro encontro com uma declaração enigmática e poderosa, que serve como uma chave interpretativa para todo o Seu ministério:

51 *E acrescentou: — Em verdade, em verdade lhes digo que vocês verão o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem.* (João 1:51)

Essa imagem evoca diretamente uma das passagens mais emblemáticas do Antigo Testamento: o sonho de Jacó em Betel, conforme narrado em Gênesis:

12 *E sonhou: Eis que estava posta na terra uma escada cujo topo atingia o céu, e os anjos de Deus subiam e desciam por ela.* (Gênesis 28:12)

Naquela visão, a escada simbolizava a ponte, a conexão entre o céu e a terra, o ponto de encontro entre o divino e o humano. Jacó reconheceu aquele lugar como a "casa de Deus" e a "porta dos céus" (Gênesis 28:17).

Com sua declaração, Jesus redefine radicalmente esse conceito. Ele se apresenta não como alguém que aponta para a "casa de Deus", mas como sendo Ele próprio a conexão viva e definitiva entre o céu e a terra. Os anjos não sobem e descem por uma escada em um lugar geográfico, mas **sobre o Filho do Homem**. Jesus é o mediador, o único acesso ao Pai, a personificação da escada que une a

humanidade a Deus.

Ao usar o título "Filho do Homem", uma expressão que remete à visão do profeta Daniel sobre uma figura celestial que recebe um reino eterno (Daniel 7:13-14), Jesus reivindica para si essa identidade messiânica e universal. A promessa aos seus primeiros discípulos, portanto, era a de que, ao segui-lo, eles testemunhariam a plena revelação de Deus na pessoa de Seu Filho, o portal vivo para a eternidade.

7. Reflexão Final: O Que Realmente Buscamos?

A pergunta que Jesus faz a André e ao outro discípulo — "O que vocês estão procurando?" — é, talvez, a questão mais fundamental de toda a jornada espiritual humana. Ela ecoa muito além daquele encontro às margens do Jordão e nos confronta diretamente hoje. A narrativa da vocação dos primeiros discípulos não é apenas um registro histórico; é um espelho para a nossa própria busca por sentido, propósito e redenção.

Aqueles homens, imersos nas profecias e na esperança de seu povo, procuravam pelo Messias. No entanto, a resposta deles, "Mestre, onde o senhor mora?", revela um anseio mais profundo: eles não buscavam apenas um conceito, mas uma pessoa. Não queriam apenas informações, mas relacionamento. O desejo de saber onde Jesus morava era o desejo de permanecer com Ele, de aprender com Ele, de viver ao lado d'Aquele que João Batista havia identificado como o Cordeiro de Deus.

Muitas vezes, nossa busca espiritual se assemelha a entrar em uma loja de ferramentas procurando por uma solução específica. Buscamos a Deus por uma cura, por uma bênção financeira, por um relacionamento restaurado ou por uma resposta para um problema pontual. Reduzimos o Criador do universo a um fornecedor de soluções, e nossa fé se torna transacional: se Ele nos der o que pedimos, nós O seguimos.

Jesus, no entanto, vira essa lógica de cabeça para baixo. Ele não pergunta o que queremos *d'Ele*, mas o que estamos buscando *em essência*. A resposta que Ele oferece não é um produto, mas Sua própria presença. O convite "Venham ver!" é um chamado para abandonar a busca por coisas e iniciar a busca por uma Pessoa.

Os discípulos não sabiam tudo sobre Jesus naquele momento. Eles tinham um testemunho profético, uma curiosidade sincera e um coração aberto. Eles não tinham todas as respostas, mas estavam dispostos a seguir Aquele que parecia ser a Resposta. E, ao fazer isso, descobriram "coisas maiores" do que jamais poderiam imaginar.

A jornada deles nos ensina que, embora possamos começar nossa caminhada com Deus com perguntas e necessidades imediatas, o verdadeiro encontro acontece quando nossa busca se refina. Quando paramos de procurar apenas o que Ele pode nos dar e começamos a procurar quem Ele é. O objetivo deixa de ser apenas receber a bênção e passa a ser morar com o Abençoador.

Assim, a pergunta permanece: o que você está procurando? Talvez a resposta mais honesta e transformadora seja a mesma daqueles primeiros seguidores: "Mestre, onde o Senhor mora? Queremos ficar com o Senhor".

"O chamado de Cristo nunca foi para um sistema de regras, mas para um relacionamento; a pergunta 'Onde moras?' revela que o maior anseio da alma não é por preceitos, mas por um lugar de permanência ao lado do Mestre."

A Casa da Rocha. #06 - O Que Estamos Procurando? - Zé Bruno - Quem é Jesus . Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=RoG_4WAvvWw. Acesso em: 20/08/2025.